

## CONGRESSO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA DE AMSTERDAM

COMUNICAÇÃO FEITA PELO CORONEL RENATO BARBOSA RODRIGUES  
PEREIRA AO DIRETÓRIO CENTRAL DO CONSELHO NACIONAL DE  
GEOGRAFIA, NA REUNIÃO DE 18 DE JANEIRO DE 1938

Venho fazer-vos, a pedido do nosso operoso e preclaro Secretário Geral, um resumido relato do que se passou no Congresso Internacional de Geografia de Amsterdam, cuja sessão inaugural se realizou no dia 18 de Julho do ano findo, às 14 horas, presidida pelo Ministro da Instrução dos Países Baixos.

Não pude estar presente a esta sessão, porque só alcancei Cherburgo na manhã daquêlê dia e Amsterdam às 21 horas; entretanto fui representado pelo nosso Vice-Cônsul, Esteves do Couto, que gentilmente disse se encarregou.

No dia seguinte, 19, apresentei ao Congresso as minhas credenciais de representante do Governo Brasileiro, do Conselho Nacional de Geografia, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, e como tal tomei posse do meu lugar, depois de me inscrever como membro titular.

A mesa da sessão inaugural foi constituída pelo Ministro da Instrução dos Países Baixos, Professor Dr. Slotemaker de Bruine, como presidente, pelos membros da Comissão Executiva da União Geográfica Internacional: Coronel Sir Charles Close, General Winterbotham, Professores Bowman, Dr. Mecking, Boerman, Romer e De Martonne; pelo Chefe da Delegação alemã Professor Panzer e pelos Presidente e Secretário do "Comité d'Organization", Professor Kleiweg van Zwaan e Mr. Voute.

Orou em primeiro lugar Sir Charles Close, em seguida falaram o Ministro da Instrução e os Professores Panzer, Bowman, De Martonne, Toniolo, Romer e Kleiweg van Zwaan; ao terminar o seu discurso e ao declarar aberto o 15.º Congresso Internacional de Geografia, o Ministro da Instrução pronunciou estas palavras memoráveis: "Je reviens à la parole d'Erasmus, citée par votre Président (Sir Charles Close, da Comissão Executiva da União Geográfica Internacional). Il me semble que la vérité exprimée par parole "Le monde entier est une patrie commune" s'applique surtout à vous, Mesdames et Messieurs, qui par votre travail scientifique devez être pénétrés du sentiment que la terre que vous prenez pour objet de vos recherches, est en somme — ou devait être — une patrie commune; que les peuples ne font qu'une grande famille, dont l'unité ferait la force et le bonheur de tous."

"Laissez-moi, Mesdames et Messieurs, pour finir exprimer mes vœux sincères que vous trouviez dans notre pays et notre ville la sphère nécessaire à tout travail sérieux, que vos séances soient marquées par un esprit de largeur et de bienveillance et qu'ainsi votre réunion soit fertile pour la Science et l'Humanité toute entière."

"Ayant dit ceci je déclare le quinzième Congrès International de Géographie ouvert."

Havia duas espécies de congressistas: os titulares e os ouvintes. Como membros titulares podiam inscrever-se todas as pessoas que trabalham no domnio da Geografia, os representantes dos Governos, das instituições e sociedades científicas e das escolas superiores que fazem parte da União Geográfica Internacional. Como membros ouvintes podiam inscrever-se os estudantes de Geografia recomendados pelos seus professores, e as pessoas pertencentes às famílias dos membros do Congresso. A inscrição dos titulares custava 12.50 florins e a dos ouvintes 5 florins. Todos pagaram sem exceção.

Os congressistas, por intermédio da Companhia de Wagons Lits Cook, gozavam de redução nas passagens das estradas de ferro da França, Bélgica e Holanda, em algumas linhas de navegação e aéreas e nas diárias dos hotéis de Amsterdam. Os vistos dos passaportes nos consulados neerlandezes eram gratuitos. Para os estudantes o "Comité d'Organization" dispunha de dormitórios comuns pelo preço de 1 florim por leito e por noite, compreendido o café da manhã. O Lyceum-Club dispunha de um número restrito de quartos de dormir para senhoras congressistas. Durante as sessões de 18 a 28 de Julho a companhia de bondes de Amsterdam concedeu reduções especiais aos congressistas e os Museus do Instituto Colonial, do Estado, do Município e da Marinha, entrada gratuita.

O Congresso funcionou no belo e amplo edifício do Instituto Colonial, que abrigava confortavelmente cerca de 500 congressistas presentes. A sua organização foi irrepreensível, todos os trabalhos e até mesmo os serviços acessórios como os do "bar" e do restaurante, correram em admirável ordem e nas horas previstas, conforme a delicada, espirituosa, mas firme advertência do Professor Van Zwaan, no seu discurso inaugural: "Permettez-moi maintenant d'attirer votre attention sur un point: les Hollandais ont la mauvaise et très malencontreuse habitude de vouloir toujours commencer à l'heure exacte et finir précisément à l'heure. J'espère que vous vous voudrez bien tenir compte de cette... faiblesse... dans vos conférences, dans vos travaux, dans les excursions, et même dans les distractions, fêtes, diners, etc. Ainsi vous faciliterez notre tâche et aiderez à ce que tout aille bien."

Ao transpor o vestibulo do Instituto, penetrava-se em uma grande sala, em cujo centro havia uma divisão circular destinada ao serviço de informações, de distribuição de publicações, de correspondência e de inscrição para as excursões. Eram encarregadas dessa secção moças que falavam perfeitamente o francês e atendiam aos congressistas com extrema gentileza. Desta sala partiam fitas que indicavam aos congressistas o caminho a percorrer para atingir as diversas salas, onde se realizavam as sessões relativas aos assuntos especiais em que se desdobrava a atividade do Congresso.

Este só realizou duas sessões plenárias: a de abertura na grande sala de "Concertgebouw" e a de encerramento, na espaçosa sala da grande aula do Instituto Colonial. Todas as demais sessões eram especializadas e relativas aos diversos ramos da Geografia; nelas tomavam parte os congressistas, de acordo com as suas especialidades ou preferências.

Ao inscreverem-se, os membros do Congresso recebiam cartão de congressista, medalha distintiva com número de ordem e as seguintes publicações:

- Os "Comptes-Rendus" do Congresso;
- Uma lista dos congressistas;
- Os relatórios das Comissões da União Geográfica Internacional;
- Um livro "La Néerlande", estudo sobre a geografia dos Países Baixos;
- Uma Carta Física dos Países Baixos;
- Um livro sobre os Problemas geográficos das Índias Neerlandesas;
- Uma Carta Hipsométrica dos Países Baixos;
- Uma planta da cidade de Amsterdam;
- Um guia ilustrado da mesma cidade;
- Sete guias ilustrados para as excursões científicas.

Não é possível nesta rápida exposição apreciar todas as memórias apresentadas por numerosos cientistas e distribuídas pelas dez secções e sub-secções em que se dividia o Congresso. Mesmo porque nenhum congressista podia acompanhar os trabalhos de todas elas, não só por funcionarem em grande parte à mesma hora, como também porque o programa abrangia uma variedade tal de conhecimentos, que seria necessária grande erudição e capacidade científica para poder discutir todas as comunicações feitas. Para se ajuizar de tal dificuldade basta citar as questões postas em ordem do dia, cada uma das quais deu lugar a várias comunicações.

## QUESTÕES GERAIS

- Estudo do povoamento e do *habitat* rural.  
 Estudos dos terrassos pliocenos e pleistocenos.  
 Estudos das variações climáticas.  
 A fotografia aérea.  
 A cartografia das superfícies de erosão terciária.

## QUESTÕES ESPECIAIS

1.<sup>a</sup> Secção — Cartografia.

- 1 — Adaptação das representações topográficas e cartográficas à prática da fotogrametria, mais particularmente no que concerne à construção das linhas hipsométricas.
- 2 — Emprêgo da fotografia aérea para obter uma cartografia rápida das regiões pouco conhecidas.
- 3 — Questões relativas às projeções cartográficas.

2.<sup>a</sup> Secção -a- Geografia Física.

- 1 — Erosão Glacial.
- 2 — A questão da Escada do Piemonte.
- 3 — A questão das morenas terminais.

2.<sup>a</sup> Secção -b- Oceanografia.

- 1 — A circulação geral nos oceanos.
- 2 — Oscilações internas nos oceanos.
- 3 — Relêvo do fundo do mar, particularmente no hemisfério meridional.

3.<sup>a</sup> Secção -a- Geografia Humana.

- 1 — Os movimentos migratórios atuais e as influências que atuam sobre o seu caráter.
- 2 — Relações funcionais das aglomerações urbanas e dos campos.
- 3 — Vantagens e desvantagens sociais da indústria em domicílio (ou eventualmente da indústria parte em domicílio e parte na fábrica) para uma população agrária, em determinadas condições geográficas.

3.<sup>a</sup> Secção -b- Geografia Econômica.

- 1 — Desenvolvimento industrial dos portos marítimos.
- 2 — Relações quantitativas e qualitativas dos diversos modos de transporte em geral e em cada país em particular.
- 3 — Seria possível exprimir de um modo mais exato por índices numéricos, o valor produtivo dos fatores solo e clima, afim de obter uma medida que permita a comparação econômica dos diversos países?

3.<sup>a</sup> Secção -c- Geografia Colonial.

- 1 — Possibilidade de colonização pela raça branca na zona tropical.
- 2 — Relação entre a densidade da população e o modo de utilização do solo nas regiões coloniais.
- 3 — A industrialização como condição indispensável para manutenção do nível de prosperidade nas regiões tropicais de população muito densa.

4.<sup>a</sup> Secção — Geografia histórica e história da Geografia.

- 1 — A História da Geometria da Terra e da localização geográfica.
- 2 — A influência da Renascença sobre a Geografia e a retomada dos estudos de Ptolomeu.
- 3 — Pontos contestados e incertos na interpretação das cartas, mais especialmente nas da época das grandes descobertas.

5.<sup>a</sup> Secção — Paisagem Geográfica.

- 1 — O conceito da paisagem na geografia humana.
- 2 — O estudo analítico da estrutura da paisagem como base da utilização do solo para o *habitat*, a agricultura e a indústria.
- 3 — Quais são na civilização moderna os princípios sobre os quais se deve basear a conservação da beleza da paisagem.

6.<sup>a</sup> Secção — Metodologia e Didática.

- 1 — O valor do ensino da Geografia para chegar a relações de bom entendimento entre os povos.
- 2 — Que assuntos de Geografia Física devem ser tratados no ensino da Geografia e até que ponto é necessário aprofundá-los?
- 3 — Vantagens e desvantagens do método Dalton no ensino da Geografia.

7.<sup>a</sup> Secção — Biogeografia.

- 1 — Estudo das habitações (distribuição das espécies no presente e no passado) em relação com os mais antigos períodos geológicos.
- 2 — Influência do homem sobre a vegetação natural, especialmente nas regiões áridas.
- 3 — Cartografia biogeográfica.

As comunicações relativas a estes assuntos postos em ordem do dia deviam ser enviadas ao Secretariado até 15 de Março de 1938. Para cada memória havia um relator encarregado de apresentar um estudo sintético e crítico sobre as idéias expostas; este relator podia falar nas sessões durante dez minutos e o seu trabalho servia de base às discussões.

Entre os trabalhos apresentados fazemos menção especial dos de autoria do Sr. Deffontaines por serem referentes ao Brasil, e dos quais, por este motivo vamos fazer um resumo. São duas memórias relativas às relações funcionais entre as cidades e os campos, e sobre a população branca do Brasil.

Diz o Sr. Deffontaines: "As relações funcionais entre as cidades e os campos tem às vezes um aspecto particular nos países de colonização. Ora, a nova colonização é essencialmente urbana, e a população rural ínfima, apenas suficiente para exploração extensiva de grandes áreas, com um mínimo de densidade, como é o caso da Austrália Oriental; ora toma um aspecto rural predominante e o povoamento progride pelo desbravamento do terreno; trata-se então de "fazer terra", de fundar uma lavoura, de abrir uma fazenda, como se diz no Brasil. A cidade só aparece tardiamente e algumas vezes prima pela ausência total."

Neste último caso, as relações funcionais entre as cidades e os campos apresentam extrema variedade. Vejamos, como exemplo, o Brasil.

Aquí a colonização constituiu um novo povoamento, porque a formação de agrupamentos indígenas, tentada pelos missionários, falhou; e os índios foram ou reduzidos à escravidão, ou então se dispersaram pelo sertão.

Os primeiros estabelecimentos europeus fixaram-se ao longo dos cordões litorais e nas ilhas e penínsulas, procurando logares próprios para o escambo e a defesa. Nestes primitivos núcleos de carácter militar se desenvolveu desde logo uma função agrícola para abastecimento dos habitantes e dos navios que faziam escala.

A penetração no interior do país fez-se muito rapidamente, sobretudo com o fim de procurar metais preciosos. Na segunda metade do século XVII foi uma verdadeira fúria. As primeiras explorações operaram-se ao longo dos vales, nos aluviões, e como estes se esgotavam rapidamente, não produziam instalações permanentes. Estas só apareceram, quando os mineiros, remontando os cursos dos rios, penetraram nos altiplanos interiores e descobriram os filões em plena rocha. Começou, então, a extração por minas; a população fixou-se em torno das jazidas, multiplicaram-se muito rapidamente as cidades mineiras e algumas adquiriram importância considerável, como Vila-Rica, hoje Ouro Preto.

Tal colonização efetuando-se sem povoamento rural prévio ou concomitante, as cidades mineiras acharam-se isoladas em pleno deserto e tiveram de se abastecer por meio de tropas de mulas, que vinham das cidades de escala do litoral, onde por este motivo as culturas se desenvolveram consideravelmente.

Mas o aumento da população mineira e a introdução de trabalhadores escravos fizeram surgir uma colonização de pequenos agricultores anexa às cidades mineiras, capaz de lhes fornecer artigos de alimentação mais baratos e saudios como o trigo, a mandioca, o milho e as cebolas. Estes agricultores se estabeleceram nos planaltos de clima temperado, mais conveniente às suas plantações. Surgiram assim algumas povoações agrícolas das altas montanhas intimamente ligadas às minas. Este tipo de povoamento, porém, foi inteiramente excepcional e compunha-se de poucas unidades. A civilização mineira permaneceu quasi unicamente urbana, enchendo de cidades o Brasil central. A sua prosperidade, entretanto, durou pouco; o XIX século viu o seu rápido declínio.

A este Brasil, onde o povoamento se operou por cidades, opõe-se outro Brasil onde a colonização se processou por domínios de desbravamento, ou fazendas. Estas fazendas situadas no litoral, ou em certas zonas do interior, como os platôs de S. Paulo, entregaram-se à monocultura do café, da cana de açúcar, do algodão, etc., conforme a região. Nas vastas extensões de campos interiores surgiram outros tipos de fazendas, imensos domínios de criação, de limites indecisos, onde o gado fica entregue a si mesmo, sob a vigilância de alguns vaqueiros, ou gaúchos.

O povoamento processou-se assim pela grande propriedade, sem nenhum organismo urbano no começo. A fazenda formava uma unidade fundamental de povoamento, com os seus escravos grupados nas senzalas, substituídos agora pelos colonos grupados em "colônias".

Distinguiu-se então muito nitidamente o Brasil de cidades das zonas mineiras e o Brasil sem cidades da zona das fazendas.

Esta distinção pouco a pouco se atenuou. Assim como a colonização mineira acabou por provocar o estabelecimento de certas populações agrícolas acessórias, a colonização por fazendas fez surgir os organismos urbanos, mas a sua aparição não foi motivada por necessidades comerciais, que eram satisfeitas pelos mascates e pelas "vendas" dos próprios fazendeiros. As cidades apareceram por simples luta contra o isolamento, por necessidade de vida social. O sertanejo sonha com a cidade, como o nômade do deserto com o oásis; êle procura encontrar outros homens para quebrar a monotonia da vida solitária.

A aglomeração começa por uma igreja e uma praça. Logo se cria o registro civil de nascimentos, casamentos e óbitos. A igreja serve para atrair a população, muito afeiçãoada a uma religião de cerimônias e de devoções. Algumas vezes o povoado só tem vida nos dias de missa, de festas, nos domingos e sobretudo nos dias das novenas do santo padroeiro, fora disso fica quasi vazio. Estas aglomerações se denominam "cidades de domingo". A povoação de S. Tomé das Letras, no Sul de Minas, fecha completamente durante a semana.

A praça é o lugar de passeio e de ostentação, nela se goza o prazer de não ficar solitário; os edificios que a cercam pretendem ser luxuosos, fazem parte da ostentação, não são casas, mas "palacetes". Surgem depois os jardins, as avenidas, a luz elétrica. Toda povoação nova aspira ter uma praça bem ajardinada e iluminada. Os fazendeiros teem, além da sua casa na fazenda, a de domingo na praça. A praça tem tal importância, que muitas vezes estas aglomerações são denominadas praças e não "vilas".

A função religiosa produz a concentração inicial. Um fazendeiro, ou um grupo de fazendeiros constitue um patrimônio, que é oferecido à igreja, ou mais geralmente ao Santo a quem é dedicada a nova povoação. O ato de doação é redigido em nome do santo e o bispo assina em seu lugar.

Estas fundações se transformam muitas vezes em atos lucrativos, pois que o patrimônio, quando progride, adquire uma função comercial. Pequenos negociantes compram lotes de terreno e abrem armazens e vendas; pequenos artifi-

ces estabelecem-se, certos de clientela, pelo menos nos dias de festa. Em caso de necessidade, os comerciantes entendem-se com o padre para provocar festas. Nessa ocasião os fazendeiros acodem ao patrimônio, celebram-se casamentos, batizados e fazem-se compras.

Como chamariz de população, procura-se obter a escola, o cartório, o médico, o farmacêutico, o hoteleiro, etc., dando-se-lhes lotes gratuitos. Depois procura-se obter o banco, o jornal e o cinema.

Hoje assistiu-se à decadência de muitos destes pequenos centros urbanos, motivada pelo surto de comunicações mais rápidas por estrada de ferro, por automóvel e por avião. Para se gozar a vida social não é mais necessário fundar "cidades de domingo", é preferível ir a uma grande cidade mais afastada, fácil, porém, de atingir e onde a vida social é mais ativa. Em S. Paulo, Campinas, Sorocaba, Belo Horizonte, os palacetes multiplicaram-se, ao passo que as antigas praças das pequenas cidades estão com as suas casas fechadas e abandonadas, como em Amparo, Atibaia, Itú e Aiuruoca.

Assim estas cidades são bastante instáveis e muitas vezes efêmeras. Não correspondem às necessidades profundas dos campos, não procuraram sítios favoráveis às trocas ou à circulação, mas logares agradáveis e de bela perspectiva, como êste que deu o nome de Belo Horizonte à capital de Minas Gerais.

O Brasil possui ainda muito poucas dessas cidades marginais, tão estáveis, que balizam nas nações da Europa a raia dos "países" rurais. A noção de "país", isto é, de paisagens, que o homem faz progressivamente aparecer pelas especializações de regimes e de horizontes de trabalho, é ainda confusa. A vida rural não atingiu ainda o estágio em que as aptidões regionais se diversificam e fazem por suas interdependências levantar o potencial urbano.

A cidade surgiu tardia e artificialmente, em algumas regiões ainda não se formou. No Paraná, como no Espírito Santo, a colonização foi puramente rural. Tal povoamento votado a uma economia quasi totalmente fechada, apesar de ser recente, vegetou, ou então caiu em decadência, até surgirem os primeiros embriões de cidade. Parece que a questão mais importante em um país de povoamento recente não é abrir zonas de produção, mas fazer surgir centros de consumo e focos de vida social. A colonização rural não toma assento definitivo, senão, quando acima da sementeira fundamental do povoamento começam a aparecer as ilhotas urbanas, a princípio nódulos sociais, depois centros econômicos."

Como se vê, a memória apresentada pelo Sr. Deffontaines é interessante, revela observação aguda e estudo atento de certos aspectos do nosso meio social. Apenas me parece que o ilustre professor generalizou demais no que diz respeito à origem dos nossos centros urbanos, cujos motivos de formação variaram no tempo e no espaço. Estas povoações formadas artificialmente, por doações de patrimônios são da época atual e surgiram em zonas restritas do Brasil, em Mato Grosso, em S. Paulo, no Paraná e talvez em Minas Gerais. Muitas das nossas povoações, florescentes umas, decadentes outras, plantadas à beira das estradas ou nos seus pontos terminais, originaram-se do comércio de trânsito; outras surgiram como postos avançados da penetração. Diz Capistrano de Abreu: "Na ribeira do Tieté, Mogi das Cruzes, Parnaíba, Itú, Sorocaba; na do Paraíba, Jacareí, Taubaté, Guaratinguetá precedem os descobertos." Oliveira Viana: "Na sua portentosa expansão para Minas Gerais, de que êles são os primeiros colonizadores, os paulistas tomam como caminho principal o vale do Paraíba, onde já haviam disseminado numerosas povoações."

São observações estas que em nada diminuem o valor da comunicação do Sr. Deffontaines, que revelou com tanta maestria ao Congresso de Amsterdam certos aspectos profundamente verdadeiros do nosso desenvolvimento social.

E' também interessante a sua comunicação sobre a população branca no Brasil. Na sua opinião, "o Brasil constitue um caso inteiramente especial; é o único país tropical onde os brancos são em maioria e merecedor por isso de um estudo atento."

As raças de côr, existentes na época da descoberta, eram pouco numerosas, de modo que os brancos encontraram um país de fraca ocupação primordial; havia imensa disponibilidade de espaço, o que não foi o caso na maior parte dos outros países tropicais, onde os brancos chegavam como excedentes e dominadores e não como imigrantes, encarregados do povoamento.

Os brancos, não podendo tirar aqui grande rendimento da mão de obra dos índios, instituíram o tráfico dos negros africanos, mas ao mesmo tempo fizeram vir muita gente miúda da mãe-pátria, já superpovoada no XVII século, e com um padrão de vida muito baixo. Vieram também açorianos de muito fácil assimilação e muito prolíferos.

Brancos, pretos e índios mesclaram-se sem dificuldade, mas os brancos guardaram um potencial de assimilação mais elevado que os das outras raças, e em muitos logares assistiu-se a um progressivo branqueamento da população. Este branqueamento operou-se nos logares de grande proliferação, que constituíram centros de emissão do povoamento brasileiro e onde a dominante branca se manteve ascensional.

Entre as mais curiosas destas variedades humanas é preciso citar os *Cearnenses*, raça espantosamente robusta do Nordeste brasileiro, onde as sêcas são violentas e imprevisas, verdadeiro Saára, situado quasi na zona equatorial. Foram êstes *cearenenses* que asseguraram o comêço da ocupação da hácia amazônica, onde o clima parece o mais hostil ao desenvolvimento de qualquer raça. Essa região úmida e de extensas florestas foi colonizada por um tipo humano de fundo branco predominante, saído de estepes sêcas e desertas. Manaus é uma bela cidade de aspecto europeu, com uma população de composição branca muito acentuada.

O platô de S. Paulo favoreceu o surto de uma raça de homens particularmente prolíficos, robustos e aventureiros, que enxamearam todo o centro do Brasil, e aí introduziram colônias de operários mineiros, onde os negros foram numerosos, mas não sobrepujaram os brancos.

Assim se elaborou sôbre as altas cadeias da região das minas um outro tipo de homens, os mineiros ou gente de Minas; espécie de montanhese mais sedentários que os nordestinos e paulistas. Os mineiros acabaram por constituir uma população bastante mesclada, mas de fundo branco predominante e progressivo.

Mas o gênero de vida dos brasileiros acompanhou este branqueamento geral? Fôrça é confessar que as transformações de ordem somática foram mais rápidas. Há casos frequentes em que as populações de origem branca adotaram hábitos e modos de vida quasi semelhantes aos das populações primitivas de côr; a vida agrícola inspirou-se a miude no antigo sistema das *queimadas*, já empregado pelos índios, donde resultou a cultura nômade. Neste sistema a demarcação entre os campos e as florestas é imprecisa; muitos bananais são quasi selvagens; muitas colheitas são simples apanhaduras (bien des récoltes sont de simples cueilletes). O clima favorece a vida despreocupada, sem horário e sem trabalho regular; as qualidades de esforço e de energia desaparecem. O vestuário e a casa simplificam-se; a alimentação modifica-se, quanto menos necessidades, menos trabalho. A lingua brasileira possui termos particulares para designar êste personagem intermediário entre o selvagem primitivo e o colono, é o *caboclo* ou *caipira*. As antigas fazendas ao longo do litoral abrigam uma numerosa população de caboclos, que a verminose e as febres contribuem para abastardar. Esta *caboclicização* é por vezes bastante rápida; antigos colonos alemães do Espírito Santo e mesmo do Estado de S. Paulo retrocederam em algumas décadas a um estado quasi selvagem. Para deter êste aviltamento da raça empreendeu-se uma campanha sanitária, notadamente em S. Paulo.

O Brasil em seu conjunto representa um caso singular de zona tropical em via de branqueamento; só talvez a zona da Baía, onde entraram massas mais compactas de escravos africanos, reabsorve mais lentamente sua população de côr.

Este branqueamento acentuou-se no XIX século pela introdução massiça de colonos europeus que se estabeleceram sobretudo nos Estados meridionais e menos tropicais. Hoje o Brasil conta 44.115.825 de habitantes cuja composição étnica é aproximadamente de menos de 2.000.000 de índios, de 4 a 5.000.000 de pretos mais ou menos puros e de 37 a 38.000.000 de brancos mais ou menos puros. E' portanto evidente que o Brasil é o mais importante país tropical de população na maioria européia. Rio de Janeiro e S. Paulo são as maiores cidades brancas dos trópicos. O Brasil constitue o exemplo o mais típico da conquista pelo povoamento branco de uma vasta região ao mesmo tempo tropical e equatorial".

Durante o Congresso realizaram-se várias excursões, algumas destinadas só às senhoras, outras mixtas, de caráter científico. Entre as excursões efetuadas pelas senhoras podemos citar as visitas ao Museu Colonial, ao Museu do Estado, aos antigos e modernos arrabaldes de Amsterdam, ao castelo e parque de Nyenrode, a Almeer, centro de floricultura e ao seu famoso mercado de flores, a Haarlem e ao seu museu de Franz Hals. As de caráter científico constaram da visita ao Instituto de Geografia da Universidade de Utrecht e ao Instituto Geodésico de Delft.

Para antes da abertura do Congresso e para depois do seu encerramento foram organizadas excursões de maior duração, que permitiram a visita às regiões características dos Países Baixos e discutir, à vista do terreno, algumas das questões postas em ordem do dia naquele certame. Estas excursões foram designadas pelas letras A, B-1 a 5 e C.

A excursão A realizou-se de 1 a 16 de Julho na Zeelândia. Foi dirigida pelo Dr. Dieleman, teve por fim permitir observar diretamente o estuário do Escalda, a formação, conservação e destruição das dunas, a construção dos diques e sua destruição progressiva pela violência das correntes, e a situação econômica da região quanto à sua agricultura, pecuária e indústria.

Depois do fechamento do Congresso realizaram-se as seguintes excursões:

- B-1 — Excursão à zona mineira, que permitiu observar a mais antiga região geológica dos Países Baixos, a provincia de Limburgo, e tomar conhecimento da exploração que aí se faz da hulha.
- B-2 — Visita às dunas e *polders* com o objetivo de fazer estudos de Geografia física e humana.
- B-3 — Visita a Rotterdam e seus arredores para estudar as questões relativas à Geografia econômica.
- B-4 — Excursão à região glacial para estudo especial das morenas.
- B-5 — Excursão ao antigo Zuiderzee para melhor compreensão das conquistas dos Países Baixos sobre o mar.

A excursão C era relativa às Indias Orientais Neerlandesas, de longa duração e pouco acessível aos recursos de grande número dos congressistas, pois que a passagem de ida e volta em 1.<sup>a</sup> classe custava 2.040 florins. Em todas as outras excursões, mesmo as das senhoras, só podiam tomar parte os congressistas que se inscrevessem dentro dos prazos marcados e pagassem antecipadamente as suas inscrições, que variavam, conforme o caso, de 1 florim por pessoa a 2.040 florins.

Durante o funcionamento do Congresso houve conferências pela manhã e à tarde, ilustradas por projeções luminosas. Entre os conferencistas citaremos Mademoiselle Hol, os professores Boerman, Dr. Van Hinte, Dr. Rutten, MM. Masen e Le Cosquino de Busy, que falaram respectivamente sobre a Paisagem Neerlandesa, sob o ponto de vista físico e humano, sobre a cidade de Amsterdam, sobre a Paisagem das Indias Orientais e Ocidentais, também sob o ponto de vista físico e humano e sobre o massiço do Karakorum.

Devemos agora mencionar a importante Exposição Internacional de Cartografia Oficial, realizada em uma das grandes salas do Instituto Colonial e a interessante exposição de cartas antigas no Museu Marítimo de Amsterdam.

A primeira concorreram a Alemanha com a sua cartografia sistemática, retrospectiva e de tipos característicos; a Bélgica com a carta do Katanga, antiga possessão alemã na África; os Estados Unidos da América do Norte, com as cartas da Geological Survey, com as do Departamento da Guerra, com as da Coast and Geodetic Survey, esta muito interessante, compreendendo seis grupos: o 1.º, de Cartografia comparada, onde se podia apreciar lado a lado as antigas cartas e as mais recentes do pôrto de Nova York e da baía de S. Francisco; o 2.º, de cartas obtidas pela aërofotografia; o 3.º, de cartas náuticas; o 4.º, de cartas aeronáuticas; o 5.º, de cartas para fins especiais e o 6.º de mapas antigos. O Departamento da Marinha concorreu com uma série de cartas hidrográficas; o Departamento da Agricultura com cartas florestais, econômicas, meteorológicas, de estradas e transportes. O Serviço Geográfico do Exército francês expôs uma bela cartografia sistemática atual, assim da França como das colônias e fez uma exibição retrospectiva e de tipos característicos.

Entre as primeiras merecem especial menção a nova carta de França na escala de 1/50000, em côres, e a carta geral da Tunisia na escala de 1/100000 — entre as de tipos característicos, a carta geológica de França na escala de 1/80000.

A Inglaterra, a Hungria, a Itália, a Noruega, os Países Baixos, a Suíça, a Polónia, a Tchecoslovaquia, a Jugoslavia, apresentaram também excelentes exemplares da sua cartografia sistemática, retrospectiva e de tipos característicos.

Esta exposição cartográfica teve grande êxito e provocou a admiração geral.

O Governo Neerlandês ofereceu no dia 20 de Julho, às 21 horas, uma recepção no Museu do Estado, aos membros do Congresso; presidiu-a o Ministro da Educação. O lugar escolhido revelou o bom gosto dos holandeses e sua finura artística, porque os congressistas, ao mesmo tempo que eram delicadamente homenageados, tinham ocasião, por sua vez, de admirar e render homenagens aos grandes artistas de Neerlândia, entre os quais sobresaía Rembrant com a sua Ronda Noturna, quadro impressionante pela sua vida e pelos seus maravilhosos contrastes luminosos; e a Autópsia de grande realidade. Passaram assim os congressistas horas de grande encantamento, na contemplação dos mais lindos e variados quadros de pintores como Franz Hals, Maes, Keyser, Antonio Moro, Goyen, etc. Foi uma recepção que deixou impressões profundas e duradouras.

Outra homenagem prestada aos congressistas foi o grande banquete oferecido no dia 27 de Julho pela Municipalidade de Amsterdam e presidido pelo substituto do Burgo Mestre, que não pôde comparecer devido a sua idade avançada. O banquete começou às 19 horas e terminou às 22. O representante do Burgo Mestre, logo no começo, fez o discurso de oferecimento e Sir Close, presidente do Comité Executivo da União Geográfica Internacional fez o brinde à Rainha. O banquete terminou com dois novos discursos dos mesmos personagens. Em seguida houve baile de gala no Amstel Hotel.

Finalmente, no dia 28, às 14 horas, realizou-se a sessão de encerramento com os discursos dos senhores Charles Close, De Martonne e Kleiweg Van Zwaan, que terminou nestes termos amistosos: "J'espère que, satisfaits de tout ce que vous avez vu dans mon pays, vous comprendrez pourquoi Jean Nicolas Parrival, ayant visité la Hollande au 17 e siècle, déclarait: "Véritablement qui n'a vu la Hollande ne se peut vanter d'avoir vu quelque chose."

"J'espère aussi que votre impression sur les Hollandais sera favorable, et que vous pourrez partager l'opinion de François Coppée qui dans ses vers "Aux Bourgeois d'Amsterdam", disait:

"Les gens des climats froids sont de chaude amitié!"

"Que le souvenir de ces quelques jours passés parmi nous soit et reste pour vous tous "A joy for ever".

"Quant à nous, nous serons toujours très heureux de vous revoir en Hollande".